

BRASIL—PORTUGAL

16 DE MAIO DE 1908

N.º 224

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L.º do Conde Barão, 50 — Lisboa.

Acclamação de El-Rei o Senhor D. Manuel II



JURO manter a religião catholica apostolica romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza, e mais leis do reino, e provêr ao bem geral da nação, quanto em mim couber.

W. J. Garcke 50

Formula do juramento de El-Rei, com illuminura de Roque Gameiro
feita expressamente para a cerimonia

(Cliché de A. C. Lima).

VIDA ELEGANTE

EM EVIDENCIA

A sr.^a D. Branca de Gonta Collaço

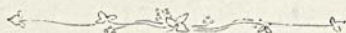
EM FÓCO



Jorge Collaço

mento da saude, a confiança absoluta no exito da missão que o levava ao Brasil.

De todas essas manifestações de sympathia e de estima, que elle tem galhardamente conquistado, partilhou sua esposa, a senhora D. Branca de Gonta, a talentosa auctora das *Matinas*, brilhantissimo espirito feminino, que nos primores da conversação, nos encantos do espirito, e nos dotes de um coração, de oiro, vae honrar na linda terra brasileira as qualidades nobres da mulher portugueza.



A Sua Magestade El-Rei

A PRECE

Pae do ceu oh! meu Deus e meu Senhor,
— Divino ser de triste suavidade, —
Vós que sois todo paz e todo amor,
Que sois Deus de justiça e de verdade,

Envolvei-O no manto protector
Da vossa piedosissima bondade!
Eu creio em vós, oh! Deus de piedade.
Ouvi as nossas preces, meu Senhor!

Volvei o Vosso olhar cheio d'uncção,
Um cantico de paz, uma oração
A cair sobre Elle, serena e mansa...

Confia em Vós minha alma atormentada.
Pela dôr d'essa Mãe desventurada,
Fazei feliz, Senhor, esta creança!



A partida para o Rio de Janeiro
Despedida a bordo do «Avon»

Como se acclama um rei no seculo XX

Quantos dias memoraveis, d'aquelles que passam á Historia, se tem desenrolado, de 1 de fevereiro até hoje, n'um periodo tão curto que pouco mais de tres mezes abrange! Dias de luto! Dias de lagrimas! Viviamos no regimen da angustia, da desolação, da saudade e do desespero! O dia de hontem era um pesadello, o de amanhã uma incerteza. Transformara-se n'um pesado inverno, carregado de nuvens negras, d'onde pendiam tempestades imminentes sobre as nossas cabeças, toda a vida portugueza. Parecia que um tufão pavoroso devastava o paiz de extremo a extremo, arrastando consigo tradições, crenças, principios, esperanças. Soprava em todos os cerebros o vento da loucura, uma onda de insanía alastrava por toda a parte, Mandantes e mandados obedeciam ao impulso do mesmo desvairamento, que porventura os arrojaria todos, em breve, ao mesmo precipicio. Quasi sem intervallos succedem-se os acontecimentos, ora tragicos como a carnificina do Terreiro do Paço, ora revoltantes como a manifestação popular aos regicidas, ora macabros como a sangrenta parodia de Bragança, ora terriveis como a chacina do Largo de S. Domingos, todos elles imprevisos, extraordinarios todos elles, como um conto phantastico e medonho em que ao mesmo tempo collaborassem Edgard Poe, Hoffman e Shakespeare.

Como se comprehende que uma nuvem temerosa, uma visão de aniquillamento, o que quer que fosse que se assimilhava a uma ameaça de morte, deixasse de pairar sobre todos os espiritos?

Depois avolumavam-se dia a dia os episodios tetricos d'esta colossal tragedia em que uma patria representava o doloroso papel de victima e de martyr!

Lá fóra era posto em leilão o credito de Portugal, d'onde a existia civilisação que lhe coubera em partilha, essa mesma fugira bafada pelo vento da desventura, dos erros accumulados, do crime e da iniquidade!

Por essa Europa fóra, vagueava de terra em terra, como o Ashaverus da lenda, aquelle que quasi todos responsabilisavam pelos acontecimentos tremendos que a sua acção politica tinha desencadeado! Cá dentro, no coração do paiz, vivia encarcerado o Rei entre as paredes do seu Paço, porque o terror continuava a impôr-se como arma de combate. Ao lado d'elle sua augusta mãe, duas vezes sagrada, pelo heroismo de ter sobrevivido a catastrophe tamanha e pelo martyrio a que a saudade angustiosa vae creando dia a dia uma aureola de santidade. Bem perto, sem nunca o abandonar, como se elle carecesse, para o guardar bem de qualquer outro attentado selvagem, da espada de um soldado e de um coração de amigo leal, aquelle que perdeu dois entes queridos, um irmão e um sobrinho, e que á luz de tamanha magua se revelou sob um aspecto de bondade e de grandezza d'alma, que lhe conquistou sympathias geraes. E, finalmente, não muito longe, tambem, n'outro velho paço, outra rainha angusta, avó e mãe a quem mataram o filho e o neto, a mesma desditosa princeza a quem poucos annos antes assassinaram o irmão estremecido, aquella que foi rainha entre as rainhas, que deu o tom da elegancia e da magestade a todas as côrtes da Europa, essa lá vagueia pelos salões da Ajuda, e, verdadeira figura de tragedia, que se diria arrancada ao genio poderoso do grande Inglez, passa as horas som-

brias, a evocar as figuras dos queridos mortos, e, através do seu espirito allucinado pela desgraça, a ver, por toda a parte, manchas de sangue...

Alveja, porém, o dia 6 de maio, o mais lindo, o mais doce, o mais primaveril que nos tem dado o mez das flores. Dia creador e radiante, a que a natureza emprestara todas as suas forças, como se para serem completos, indiscutidos, sagrados, de todas ellas carecessem os acontecimentos que n'elle haviam de dar-se. E' que esse dia seis, essa quarta feira bemdita, estava destinado a ser um dia nacional, um dia de pura gloria, um dia de desafogo e de desforra patriótica. A Historia tem por vezes accordos mysteriosos com o Destino, e prepara lances magnificos para mostrar que não morre de um dia para o outro uma tradição gloriosa, que uma raça forte e leal se não despenha subitamente no abysmo, que a alma popular sobreleva a todos os despeitos e a todas as ambições, que a mocidade e a desventura são dois argumentos que triumpham sobre todos os outros, que são indissolúveis a Patria e a Monarchia, que um povo inteiro escolhe sofredamente o momento de mostrar que só quer arrojarse de si a responsabilidade de um crime hediondo, e, em summa, que não podia nunca envilecer-se n'um silencio tacito e suspeito a alma popular, que é profunda, que é nobre, generosa, magnanima.

Por isso o dia 6 de maio foi de verdadeira gala nacional. Por isso se expandiram todos os sentimentos do bem, vieram á superficie todas as grandes, todas as altas qualidades da alma portugueza. Estavam dentro d'ella, quem o duvida? — oprimidas, suffocadas. Até ahí, de um lado a pressão, do outro lado o terror. Contra ella se tinham projectado todas as aggressões, todas as violencias, e a Sorte, que tem meios desconhecidos e fins secretos, parecia ter-lhes dado razão.

Eis todavia, que, vem um ensejo, um simples pretexto, e de nada mais se carece. Logar á honra portugueza! Logar á tradição portugueza! Logar ás tremendas lições da Historia portugueza! Logar ao Futuro que se não pode desprender do passado! Logar á veneranda dôr de uma familia augusta! Logar a Portugal! Logar ao Rei!

E o Rei, na face pallida e triste, deixa esboçar o seu primeiro sorriso, porque vê caminhar para elle, n'uma ancía de abraço-lo, de animar-lo, de amparar-lo, a Alma portugueza. Nos vivas que em torno d'elle se levantam, nos lencos que se agitam, nas palmas que vibram, nas flores que lhe lançam, nas lagrimas das mães que pensam nos seus filhos — a Patria de amanhã — nas aclamações dos operarios, dos soldados e dos marinheiros, enfim na fórma carinhosa porque o adopta uma população inteira, mais do que isso, toda uma nação, o Rei vê que para milhões de homens a sua mocidade é uma esperança, e que o juramento, que vem de fazer, é para todos elles uma garantia. Reflectido e ponderado decerto, viu, de relance, que esse dia da Acclamação foi ao mesmo tempo o dia da solidariedade, e que essa, entre elle e o seu povo, ficava para sempre sellada, menos pelas formulas officiaes do que pelo sentimento vibrante, pela commoção d'essas horas magnificas em que dos labios reberbaram os applausos, dos corações os enthusiasmos, e dos olhos as lagrimas...

Jayme Victor.



A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XLIV

A aclamação de El-Rei o Senhor D. Manuel II, Carinhosa consagração do jovem monarca pelo povo de Lisboa e leal afirmação de convicções monarchicas pelo paiz inteiro. Uma manifestação sem precedentes. O primeiro dia de Jubilo nacional depois do tragico 1.º de fevereiro. Um reinado que se inicia auspiciosissimamente. Ante os perigos de uma propaganda demagogica, o povo portuguez mostra-se consubstanciado com as instituições e d'essa consubstanciação espera a sua paz e prosperidade. Deus proteja o Rei! — O congresso telegraphico. Benefícios que já lhe decemos.

A aclamação de El-Rei o Senhor D. Manuel II, realisada perante as côrtes geraes da nação no dia 6 do corrente, assumiu as proporções de uma verdadeira apothese. Não ha negá-lo. Seria negar a mais absoluta, a mais irrefragavel verdade. Eu não sei se

deve sentir-se caminhar em terreno tão resvaladiço que facil lhe será esbarrandar o nariz.

Não pretendo dar uma leve ideia, sequer, do que foi essa estupenda manifestação que em circumstancias identicas não se produzira ainda. Esse trabalho não o posso eu ter; não o pode ter ninguém, porque é superior aos recursos de todas as pennas, ainda as mais brilhantes. Por um mero acuso, assisti áquella aclamação que mais deve ter commovido o espirito attribulado do jovem monarca: a feita pelo seu povo nas ruas de Lisboa, no trajeto do palacio das côrtes para o Paço das Necessidades: um triumpho absoluto para as instituições oito vezes seculares que nos regem, com o apoio de uma enormissima maioria que n'ellas vê a mais solida garantia da integridade nacional, da prosperidade e felicidade da patria; a alta demonstração de solidariedade do povo com essa desditosa creança que o maior dos infortunios arrancou á sua descuidosa mocidade de filho segundo para o collocar no throno de seus maiores ensanguentado pelo nefando crime da tarde de 1 de fevereiro, horrenda nodosa lançada nas paginas da historia gloriosa de um povo bom, generoso, affectivo, pela loucura fanatica de dois desgraçados.

Pode dizer-se que o dia 6 de maio foi o primeiro de alegria para Portugal depois d'esse outro em que um inqualificavel attentado poz termo á vida de El-Rei D. Carlos e de seu innocente filho, o nunca esquecido Principe D. Luiz Filippe. O paiz inteiro — porque não foi apenas a população de Lisboa a manifestar-se mas até a das mais humildes terras — aproveitando graciosamente e nobremente o dia da aclamação do Senhor D. Manuel II, quiz manifestar ao jovem soberano

Abertura das Côrtes



Depois da cerimonia. — El-Rei sahindo do parlamento

alguma boa alma de patriota se permittiu esse myster, porque sou pouco dado a leituras jornalisticas, mormente quando se trata de jornaes que não defendem o credo que professo. Mas se houve ou ha quem pretenda amesquinhar a enormissima manifestação de que foi alvo o jovem e querido soberano e as instituições monarchicas — esse

não só o seu affecto ás instituições como tambem a muita sympathia que a todos merece o tremendo infortunio que enluta a Real Familia, indo em tal manifestação collectiva, implicitamente, o mais formal protesto contra o horrendo crime que prostrou o Rei D. Carlos e seu Filho.

Aclamação de El-Rei o Senhor D. Manuel II



Aspectos da Rua 24 de Julho e da Avenida D. Carlos

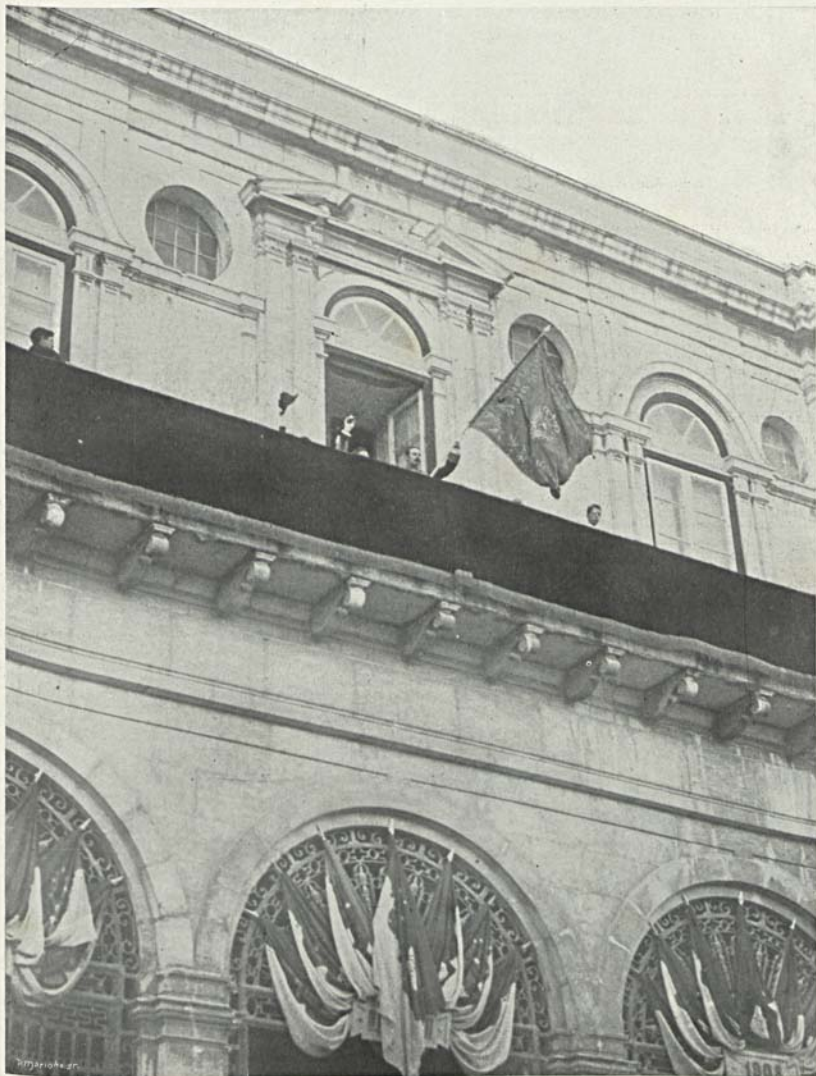
(Clická do illustre amador sr. Conde de Agrolongo).

Grande dia, esse, em que os legítimos representantes do paiz acclamaram n'um entusiasmo que tocou as raías do delírio o seu soberano, associando-se a essa acclamação o corpo diplomatico e o povo que correu a saudar em todo o trajeto das Côrtes ao Paço o querido pequeno Rei, tão sympathico por seus dotes de coração largamente provados, nos curtos dias do seu atterbulado reinado, pela bondade e candura que irradiam da sua melancolica physionomia, pelo seu tremendo infortunio que só pode encontrar desaçoço nas lagrimas da saudade que alanceia o seu pobre coração de filho e irmão, lenitivo n'esta grandiosa manifestação de carinho, affecto e solidariiedade, que lhe deve ter dado a impressão exacta do nobre caracter do seu povo.

E essa pobre martyr, que é a Rainha D. Amelia! Como devia ter sido grato áquelle espirito atterbulado pelas mais horriveis dores a grandiosa manifestação feita ao filho querido que o mais doloroso

dos infortunios lhe poupou! Se é possível haver consolações para uma alma tão consternada por amarguras que a Providencia reserva áquelles cuja fé tem de passar pelas mais dolorosas provas, que momento de intima alegria fez pulsar esse nobre coração duas vezes trespassado pelas mais cruciantes dores!

Varios foram os factores que determinaram a atmosphera moral que provocou a grande manifestação feita ao Rei de Portugal e ás instituições que Sua Magestade representa. A commoção pelos desgraçados acontecimentos do dia 1.º de fevereiro, a irresistivel sympathia que essa prestigiosissima creança exerce pela sua bondade e pelo seu infortunio, aquelle sentimento a que um dos nossos mais brilhantes jornalistas chamou tão precisamente «desejo de reabilitação collectiva». Sem duvida. Mas indubitavelmente, mais que qualquer outro, o factor poderosissimo, n'este caso, foi a convicção do



(Cliché de A. C. Lima).

Acclamação de El-Rei o Senhor D. Manuel II

O alferes-mór, sr. Conde de S. Lourenço, empunhando o estandarte real e annunciando ao povo, na varanda das Côrtes, a acclamação de El-Rei



Acclamação de El-Rei e Senhor D. Manuel II

(Cliché de A. C. Lima).

A banda dos marinheiros
formada junto à casa do sr. conselheiro Poças Falcão,
cujas janellas se achavam ricamente ornamentadas

perigo nacional que representam os excessos demagógicos de uma facção que acima dos sagrados e imprevisíveis interesses da pátria põe o restricto e egoístico interesse de uma politica mais que nenhuma outra intolerante e anarchica.

Foi em face d'esse perigo, tão evidente, que todos nós, mesmo os indifferentes — e quantos ha, ainda, desgraçadamente! — nos demos as mãos e em massa rompemos n'esse movimento de sympathia pelo jovem rei e de affirmacão de fé nos principios monarchicos.

E' especialmente sob este particular aspecto que a grande manifestação do dia 6 tem de ser encarada. Assim a comprehenderá o estrangeiro com os olhos fixos em nós, voltando a acreditar-nos um grande povo conscio dos seus destinos, que podem e devem ser tão gloriosos como o seu passado, desde que a Nação se consubstancie com as instituições e estas evoluindo n'uma natural transigencia com o espirito democratico da época, correspondam satisfactoriamente a todas as aspirações.

No espirito de todos nós está radica da convicção de que o reinado do Senhor D. Manuel II inaugura uma época de paz, prosperidade e glórias para a querida patria portugueza. Ao moço e prestigioso Soberano, em volta de cujo throno tantos homens de caracter e coração se agrupam n'um commovente impulso de abnegação e civismo, reserve Deus um glorioso destino, justo premio das suas nobres qualidades e do muito que tem soffrido, permitindo-lhe reger o paiz com a ponderação do seu lucido espirito e a affectividade do seu generoso e nobre coração.

Os congressos são como as cerejas: atraz de um, outro. Depois do congresso pedagogico, o do livre pensamento, depois d'este, o republicano, — agora o telegraphico, que foi solemnemente inaugurado no dia 4 sob a presidencia do sr. ministro das obras publicas com a

assistencia de delegados de todos os paizes que adherem à convenção internacional.

Que tem feito o congresso? Quem o sabe! E' da praxe telegrapho-postal não deixar o bicho reporter metter o nariz na sala das sessões. As resoluções são secretas. Tudo aquillo fica alli, em familia, a abelherar, e um bello dia estala a bomba, isto é, fica a gente sabendo que diminuições ou augmentos soffreram as tarifas.

Até à data, 10 de maio, o congresso tem realiado: quatro sessões, um almoço, um jantar, uma *soirée* na camara municipal e um passeio a Cintra. Regula, portanto, sessão por diversão, o que não é de todo mau. Quem dera!

Eu não sei que fructos produzirá o congresso para bem da telegraphia internacional. E, se querem que lhes diga com a maxima franqueza, não sei nem me importe. E não me importo, não porque me seja indifferente qualquer beneficio que porventura me attinja como telegraphante, mas porque me contento com pouco, e com beneficios demasiados nos agraciou o congresso antes de congresso ser.

De facto, ao congresso devemos estas exorbitancias que tem feito o nome dos indigenas: a pintura dos marcos postaes collocados nas ruas de maior transitio, duas mãos de cal virgem nas enegrecidas paredes do ministerio das obras publicas, uma lavagem a pias-saba e potassa nas dependencias dos serviços tele-



Acclamação de El-Rei e Senhor D. Manuel II

(Cliché de Bonallil). O sr. D. Antonio Mendes Bello, Patriarcha de Lisboa, chegando às Cortes

graphicos e postaes de Lisboa e a adopção da illuminação electrica nas mesmas dependencias, onde todos, empregados e publico, andavam às turras, mercê de uma illuminação a gaz e a candieiro de petroleo que eram «muito de ver-se», como diziam os chronistas-mores do reino, e muito de apreciar-se... na Senegambia.

Está tudo um brinco e ha de estar, se Deus quizer, até os congressistas decidirem ir prégar a outra freguezia. Valha-nos isso. Isso é a certeza de que, chegados aos seus paizes, os congressistas responderão a quem lhes pediu impressões sobre Portugal:

— Tudo muito bem pintadinho, muito bem forradinho a papel, muito bem illuminadinho... para congressista ver.

CAMARA LIMA.

A Sua Majestade El-Rei D. Manuel

Sobre o throno enlutado, — magestosa
Ergueu-se a vossa juvenil figura,
Como se ergue uma aurora clara e pura,
Apoz a noite negra e tormentosa.

A' Vossa dôr profunda e corajosa,
A dôr de tantas almas se mistura,
Que o pranto corre em ondas e procura
Lavar do sangue a mácula impiedosa.

Sois tudo para nós, — pelo direito
D'uma desgraça, a que rendemos preito,
D'uma bondade, que nos marca o trilhio,

D'uma esperanza emfim, que é hoje a lei
D'aquelles que Vos julgam mais que um Rei,
Desde que vos adoram como um Filho!



Acclamação de El-Rei e Senhor D. Manuel II

(Cliché de A. C. Lima).

A corôa

Abril, 1908

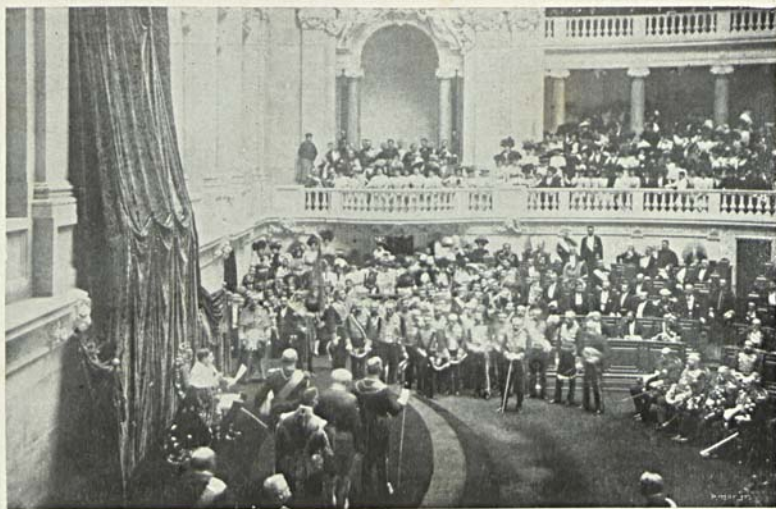
Maria de Carvalho

Acclamação de El-Rei o Senhor D. Manuel II



(Oliché de Benoliel).

El-Rei empunhando o sceptro e proferindo o juramento na camara dos deputados



(Cliché do Beaulieu).

Acclamação de El-Rei e Senhor D. Manuel II
El-Rei tendo o discurso, depois da cerimonia do juramento

Politica internacional

A questão da Macedónia ameaça complicar-se e mais de um symptoma d'isso dá prova. O pedido feito pela Austria, da concessão do caminho de ferro na directriz de Salónica veio desfazer virtualmente e até mesmo de facto o accordo austro-russo baseado no programma de Murszeg. A Russia, aproveitando-se d'este pretexto que tão inabilmente o barão de Aehrenthal lhe forneceu, procura retomar a sua liberdade de acção nos Balkans e ganhar o terreno, que perdeu por motivo da triste aventura do Extremo Oriente, que não lhe trouxe nem proveito nem gloria, e que pelo contrario foi a causa proxima das terriveis difficuldades em que a sua politica interna se debate.

O proprio discurso do sr. Isvolsky na Duma, não obstante o apparente optimismo que o anima e a corteza que patetela para com a Austria, significa bem claramente que o imperio moscovita volta a sua antiga politica balkanica, e que de hoje em diante a Austria-Hungria tem de vêr n'elle um irreductivel adversario. Isto pelo que respeita ás duas antigas signatarias do pacto de Murszeg. Mas á dis-

solução d'este pacto seguiram-se importantes passos dados por outras potencias, no sentido de tomarem posição no conflicto diplomatico, que desde este momento está aberto a proposito da questão da Macedónia apparentemente, mas no fundo por causa da questão do Oriente europeu, em toda a sua complexidade.

Como simples coincidência, ou como resultado já do accordo anglo-russo, sir Edward Grey, em nome da Grã-Bretanha, apresenta um projecto de reformas para a Macedónia que, embora não aceite pelas potencias por demasiado radical, provoca o contra-projecto da Russia, a que desde logo a Italia adhire e que acabara provavelmente por ser perfilhado pela propria Inglaterra. Por uma coincidência tambem, que a ninguém passará despercebida, a Italia aproveita o pretexto relativamente futil da questão das estações postaes na Asia Menor e na Syria, para enviar um verdadeiro ultimatum á Turquia e preparar uma espaventosa demonstração naval, que só não chegou a produzir-se pela rapida submissão de Abd-ul-Hamid. Que significa tudo isto senão que a questão dos Balkans vai entrar n'uma nova phase de actividade? E ao mesmo passo que a Russia e a Inglaterra se approximam; que a Italia toma posição para não ser esquecida na liquidação, em projecto; que a França se dispõe a secundar a acção da sua alliada e das suas recentes amigas; a Alemanha desenvolve grande actividade diplomatica para attenuar tanto quanto possivel a colligação que se prepara, e evitar a repetição de uma nova Algeciras em que a Alemanha se encontre outra vez isolada com o seu *fidus Achates* — a Austria. Outras cousas não significam a entrevista de Veneza entre o Kaiser e Victor Emmanuel III e a de Roma entre o principe de Bálow e o sr. Tittoni. Que o resultado d'ellas não deve, porém, ter sido satisfactorio di-lo a demonstração naval italiana projectada, que não pôde ser agradavel a Guilherme II. E' singular em verdade que a Italia, ligada pela triplice alliança ao Kaiser, tenha exactamente escolhido o momento em que elle está junto ás aguas turcas, para infligir a Abd-ul-Hamid, o amigo do imperador, tão exemplar humilhação. Não ha duvida que a decisão do governo do sr. Giolitti, que vai contribuir para levantar o prestigio da Italia no Levante, será causa da diminuição do prestigio allemão na Turquia, por mais uma vez apparecer evidente em Constantinopla que afinal de contas a amizade de Guilherme II de pouco vale ao sultão.

Em todo o caso o que acaba de passar-se é mais um episodio no processo de desagregação da Triplice Alliança. A Italia começa a comprehender que os seus interesses mais vivos no Mediterraneo e na península balkanica estão em opposição irreductivel com os interesses austriacos e sobretudo com os interesses allemães, e que pelo contrario estão plenamente de accordo com os interesses da França, da Inglaterra e da Russia. Que é, pois, de admirar que n'estas circumstancias a Triplice Alliança se desagregue para ser substituída por um novo agrupamento de potencias, unanimemente em conservar o *statu quo* mediterraneo?



Acclamação de El-Rei e Senhor D. Manuel II

(Cliché de A. C. Lima). El-Rei sahindo das Cortes

A prophécia, que na nossa ultima revista fizemos ácerca da situação do novo ministerio inglez, começa a realizar-se.



Acclamação de El-Rei o Senhor D. Manuel II
(Cliché de Bezoulié).

O sr. Asquith acaba de sofrer a sua primeira derrota, e o prestígio do gabinete por elle presidido acaba de sofrer o primeiro golpe. Na maioria dos estados do continente, semelhante desastre teria produzido infalivelmente a queda da situação. Em Inglaterra os costumes políticos são outros, e por isso fica o governo e até permanece no seu posto o ministro batido nas urnas. Em todo o caso o cheque é bastante significativo para que não venha a ter as devidas consequências.

Mas digamos em duas palavras a significação e o alcance do sucedido. Como se sabe o sr. Winston Churchill, filho do fallecido lord Randolph Churchill, foi nomeado ministro do commercio na recente reorganisação ministerial em substituição do seu antigo posto de sub-secretário de estado no ministerio das colónias. Segundo a praxe parlamentar ingleza o sr. Winston Churchill perdeu o seu lugar de deputado e teve de se apresentar novamente ao suffragio. Escolheu a circumscripção de noroeste de Manchester onde havia uma vaga.

É conhecido que esta cidade tem sido até hoje um dos mais fortes baluartes do livre-cambio, e o ministro do commercio, escolhendo-a para por ella se apresentar, procurou habilmente para plataforma eleitoral a questão da reforma da pauta no sentido protecctionista, prometida pelos conservadores. D'esta maneira parecia poder de antemão contar com um facil triumpho. Pouco a pouco foi-se a batalha eleitoral animando a ponto de para ella fazer convergir as atenções da Inglaterra inteira. Os meetings succediam-se cada vez mais entusiasticos, respectivamente a favor de cada um dos candidatos. Procuravam-se de parte a parte novas adhesões, que pudessem assegurar a victoria. A propaganda e as pressões em volta da Liga nacional irlandesa local tiveram como resultado uma scisão no grupo nacionalista, votando alguns dos seus membros a favor do candidato opposicionista e outros contra. E, como se todos estes esforços desaperados do sr. Winston Churchill não fossem bastantes, destacou-se à ultima hora para o auxiliar nada menos do que o sr. Lloyd George, o membro de mais valor e de mais prestigio no gabinete, que muitos já começam a apontar como o futuro primeiro ministro do partido liberal. Pelo seu lado, em auxilio do candidato da opposição, veio o proprio chefe do partido unionista, o sr. Balfour, que

n'uma notavel carta annunciou a derrota do sr. Winston Churchill e as consequências d'esta derrota para o governo.

E de facto assim aconteceu. O ministro do commercio foi batido, vencendo o candidato conservador, o sr. Joynson Hicks.

Pôde o sr. Winston Churchill procurar a compensação do seu desastre em outra assembleia eleitoral, como de facto a encontrou em Dundee, por onde acaba de ser eleito. Nem por isso a derrota de Manchester será menos significativa nem menos fatal para o governo. E tanto mais importante esta derrota nos apparece, quanto ella não é um caso isolado, explicavel por circumstancias locais, mas apenas o episodio de uma serie começada sob o ministerio anterior e que sob o actual tem continuado com inalteravel persistencia. Não só a maioria das eleições parciais n'estes ultimos tempos realizadas tem sido desfavoraveis ao governo, mas mesmo n'aquellas onde os candidatos liberaes triumpharam appareceram-lhes as maiorias notavelmente reduzidas, e proporcionalmente augmentadas as votações dos candidatos da opposição. E' este o symptoma grave para o governo. Não ha duvida que se está operando com notavel rapidez um profundo reviramento no corpo eleitoral. A continuarmos as cousas



Acclamação de El-Rei o Senhor D. Manuel II
A' saída das Cortes — Outro aspecto

(Cliché de A. C. Lima).

por este modo, (e nada faz prevêr que tomem outra direcção), nas proximas eleições genes, que não podem tardar muito, será o ministerio completamente batido.

Pôde discutir-se qual a causa verdadeira do actual reviramento da opinião publica ingleza. E' certo, porém, que elle e um facto, que se impõe, e que está dominando já hoje toda a politica interna da Grã-Bretanha, assim como amanhã dominará toda a politica da Europa, a que não pode ser indifferente a subida dos conservadores ao poder.

No estado das relações entre o Reino Unido e o Imperio allemão, o advento dos unionistas só pôde contribuir para tornar mais delicadas essas relações, e quem sabe? talvez para precipitar os acontecimentos, que se estão de ha muito tempo preparando.

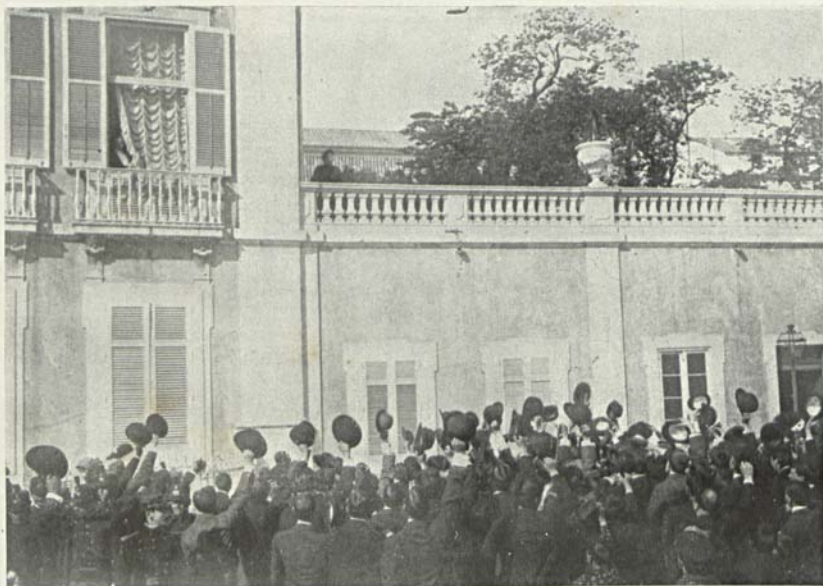
Por outro lado, a queda do gabinete presidido pelo sr. Asquith representará para o partido liberal grave crise, que pôde ir até à sua dissolução, ou pelo menos até uma remodelação completa, inevitavel desde que a extrema esquerda d'elle e o «partido do trabalho» lhe tiraram o apoio, que tinha o antigo partido whig nas massas profundas da nação.



Acclamação de El-Rei o Senhor D. Manuel II

Ovação a El-Rei feita no largo das Cortes

Que ha de novo a respeito da questão de Marrocos? Difficil é responder a esta pergunta, tão desencontradas são as noticias, que temos do imperio cherifiano, e tão monotons, pelo menos na apparencia, são os factos de ordem militar, que continuam invariavelmente a reproduzir sempre os mesmos episodios — combates locais, surpresas, embuscadas, *razzias* e *tia dicento*. Não ha duvida que em relação a cada uma d'estas escaramuças parciais, tem os francezes ficado por via de regra vencedores. Mas não é menos certo que as tribus, que n'um determinado local pareciam reduzidas à impotencia, vão refazer-se um pouco mais longe, voltam à carga, e novamente destroçadas não se dão por vencidas e obrigiam



Acclamação de El-Rei o Senhor D. Manuel II

Grande manifestação monarchica em frente do palacio das Necessidades

a constantes combates o exercito de occupação. E no entretanto a França já tem em Marrocos um exercito de perto de 15.000 homens, que todos os dias está sendo reforçado. Os credits supplementares para as despesas da guerra vão successivamente juntando-se até constituirem uma respeitavel somma. Como terminará para a França esta triste aventura?

CONSIGLIERI PEDROSO.

Um lençol quero na morte
Tecido por tua mão;
Quem me mata d'esta sorte
Que amortalhe o coração!

Oliveira Simões.

LIVROS

Temos sobre a nossa mesa de redacção uma enorme quantidade de livros de que se torna mister falar. A abundancia de original justificada pelos ultimos acontecimentos impede-nos hoje do cumprimento d'esse dever que adiamos para o proximo numero do *Brasil-Portugal*.

Tecedeira

O tear tece os fiados,
O amor tece saudades,
Os zelos tecem cuidados,
Tece a traição falsidades.

A alma tece a esperança
No tear do coração;
O desejo não se cança
Fia e tece com paixão.

Na teia da desventura
Ha trama do bem querer;
Por isso tem tanta dura
Que se não pode romper!

Lançadeira vae e vem,
Larga o fio no tear;
Meu peito pulsa tambem,
Mas não deixa o seu penar.

Tecedeira d'alhos pretos
Não me saes do pensamento,
Pois teceste os meus affectos
Urldindo no meu tormento.

Que teia fina e garrida,
Que fino e rico brocado
Se fôra entretecido
Com teu cabelo doirado!



Acclamação de El-Rei o Senhor D. Manuel II

O povo acclamando El-Rei, junto ao palacio das Necessidades
(Clichs de Benoit).

Egrejas, mosteiros e capellas

LONDRES

A abbadia de Westminster

Londres. — A abbadia de Westminster

O viajante que chegasse a Londres e apenas tivesse tempo para visitar um só monumento, deveria, sem hesitações, dirigir-se à abbadia de Westminster, tão grande é a importância d'este templo.

A primitiva igreja foi construída no anno 610, mas foi logo substituída por outras duas que por sua vez foram também demolidas. A actual, data do reinado de Henrique III e é deveras sumptuosa tanto no interior como no exterior, juntando-se a isto para lhe dar maior celebridade o facto de ser o pantheon da Inglaterra.

Debaixo das suas abóbadas estão as sepulturas de 13 reis e 14 rainhas, de muitos homens de estado, generaes insignes, exploradores illustres, descobridores, philosophos, oradores e litteratos que alli dormem o seu ultimo somno.

E' na abbadia de Westminster, que estão os mausoleos da rainha Isabel e da sua formosa rival e victima — Maria Stuart. A rainha donzella, como ironicamente lhe chamou a Historia, conseguiu ver sepultado em humilde tumulo o cadaver de sua aborrecida prima e só mais tarde, quando o filho de Maria Stuart subiu ao throno d'Inglaterra, é que o sepulchro da infeliz rainha foi installado junto da orgulhosa Isabel na urna mais régia talvez que a Grã-Bretanha admira.

Ha muitos seculos que se não passa um dia sem que estas sepulturas sejam visitadas pelos peregrinos que vão a Westminster — a de Maria Stuart com o recolhimento que a piedade inspira e a de Isabel com a amargura e o horror causado pela recordação do seu nefando crime.

E' tambem na igreja de Westminster que se guarda o antigo throno que serve para a coroação dos monarchas inglezes, cerimonia que geralmente se effectua n'este templo.

Na Legação dos Estados-Unidos da America



Banquete offerecido pelo ministro americano Mr. Page Bryan, em que tomaram parte entre outros convidados os sr.s. ministros dos negocios estrangeiros, da marinha, da guerra, da fazenda, ministros da Inglaterra, Austria, Hespanha, Brasil, bispo de Macau, etc., etc.



Conselheiro Alfredo Pereira

Presidente do X congresso internacional telegraphico

Na presidência da 10.ª conferencia internacional telegraphica, agora reunida em Lisboa, o conselheiro Alfredo Pereira enfiava brilhantemente as qualidades que o tornaram uma figura em destaque na sociedade culta de Portugal.

Director geral dos correios e telegraphos decem-lhe esses serviços do Estado o aperfeiçoamento que accusam, a altura que atingiram. As comissões que em Portugal e no estrangeiro tem desempenhado, e em que tem patrioticamente servido a nação, tem-lhe as reconhecido os governos, ora louvando-o em documentos publicos, ora conselheiro-lhe o peito de condecorações que mobilizam.

Antigo e actual deputado tem presidido com impecavel correcção a sessões da sua camara, e na presidência do congresso internacional telegraphico, as entusiasticas manifestações que dos congressistas de todos os paises tem recebido, provam a superioridade com que organisa e dirige os trabalhos e dão a medida da sua innata bondade e do seu tracto fidalgo.



Problemas escolares

I

A obrigatoriedade do ensino primario foi um problema muito discutido no seculo XIX

Teve por adversarios os que temiam a diffusão do ensino popular, e os que viam n'ella uma offensa á autoridade e á liberdade dos paises.

A questão foi resolvida no sentido de obrigatoriedade, reconhecendo-se que o Estado tinha o direito e o dever de impor a frequência da escola. E mesmo nos paises de larga liberdade individual, como os Estados Unidos, a Suíça e a Inglaterra, a obrigatoriedade do ensino foi decretada.

As difficuldades surgiram quando se pretendeu executar a lei. E' que esta teve a contraria-la em muitos Estados condições complexas: os costumes tradicionais, a ignorancia das populações, o desinteresse das classes mais cultas, a indifferença das corporações, a falta de escolas, a deficiencia da educação do mestre, etc. A estas condições accresciam as difficuldades praticas de execução. A base para a obrigatoriedade do ensino é o recenseamento escolar, deficiente nas populações rurais por falta de elementos e pela indifferença



Conselheiro Paulo Benjamin Cabral

Vice-presidente do X congresso internacional telegraphico

O seu valor de alto funcionario, a sua capacidade de engenheiro, os importantes serviços que tem prestado ao pais como inspector geral dos telegraphos e industrias electricas, as comissões de valor a que tem ligado o seu nome e o desenvolvimento que tem dado á sua cadeira de Electrotechnia no Instituto Industrial de Lisboa, taes são os elementos que actuaram no congresso internacional telegraphico para que elle o elegeesse seu vice-presidente.

Os que de perto o tratam e mais com elle convivem, se por aquellas qualidades o admiram, estimam-no pelas do coração e do caracter.

e inconsciencia dos que n'elle interveem, e impossivel nas grandes cidades onde a população está sujeita a frequentes movimentos e a continuas oscillações.

Além d'isso a applicação das multas e das penas, confiada a agentes administrativos mais ou menos politicos, não offerece garantias serias. A intervenção da politica, oppondo-se á execução da lei, foi um embaraço que se verificou existir nos paises que decretaram a obrigatoriedade. E isso explica a corrente que se forma no sentido de confiar exclusivamente á inspecção e ao poder judicial as funções que pertencem aos funcionarios administrativos.

No entretanto a causa mais poderosa que contraria a obrigatoriedade do ensino nos paises que a reconheceram, tem-se encontrado nos costumes e na ignorancia das populações. Ha Estados que sobre o assumpto publicaram leis severas, e todavia essas leis não foram cumpridas; e ha outros em que a instrucção popular se encontra muito diffundida, sem que tenham decretado a obrigatoriedade.

A consequencia immediata que d'estes factos pode deduzir-se é que a obrigatoriedade não possui a força que se lhe attribua. Não se deve esperar que ella por si só transforme uma nação ignorante n'uma nação instruida.

Mas não quer isto dizer que ella seja eliminada das leis. O que os factos provam é que o principio legal tem de ser completado pela propaganda, pela abnegação do mestre, e pelo interesse dos mais cultos. Não se deve esquecer que os costumes só se transformam lentamente, não sendo sufficiente uma lei para operar o milagre da conversão rapida.

II

A gratuidade do ensino

A gratuidade do ensino primario, que parece um corollario da obrigatoriedade, nem sempre acompanha esta. A gratuidade absoluta não existe em todos os Estados.

Não é facil indicar a solução que o problema terá no futuro, parecendo-nos todavia que não será no sentido da gratuidade completa e geral.

Os Estados e os economistas em face dos encargos cada vez mais pesados da instrucção primaria hesitam com o receio dos enormes sacrificios para o orçamento.

O que naturalmente se decretará no futuro, é a gratuidade completa para os filhos dos pobres, e a gratuidade restricta para os que podem pagar, e aos quaes se imporia uma taxa modica.

A verdade é que a pedagogia, a hygiene, e as necessidades da civilisação reclamam despesas cada vez maiores. Ha muito a attender: escolas em condições hygienicas e pedagogicas; mobiliario sufficiente, renovado e completado progressivamente; escolas normaes como devem ser; organização da inspecção pedagogica e medica; material de ensino; honorarios aos professores, por forma que se possam dedicar só á escola, etc.

Quanto dinheiro não custa tudo isto?

Ora atendendo a que em todos os países o orçamento do Estado e o dos municípios cresce todos os dias pelas exigências da civilização, compreender-se-ha que o movimento generoso a favor da gratuidade completa encontra em muita parte resistências e hesitações.

Exposição annual da Sociedade de Bellas Artes do Porto



Estudo para a estatua do bispo de Vizeu
(Bronze de Teixeira Lopes)

assim como dificuldades financeiras graves. Se os países que podem pagar, fossem obrigados a uma taxa módica, o progresso seria mais rápido, e não se paralisariam trabalhos necessários e urgentes.

Acresce ainda que a experiência veio desmentir as illusões de muitos. Pensava-se que a gratuidade augmentaria a frequência ás escolas officiaes. Não succedeu o que parecia logico e natural.



Exposição annual da Sociedade de Bellas Artes do Porto
Retrato do conselheiro Wenceslau de Lima
(Quadro de José Yveloso Salgado)

III

O tempo escolar

Não existe uniformidade nas diferentes legislações quanto á duração do periodo escolar.

Comprehende-se que a creança, que abandona definitivamente a escola aos 11 ou aos 12 annos, terá esquecido tudo o que aprendeu quando entrar na maioridade, ou quando chegar o momento em que precisa aproveitar as noções adquiridas. A influencia moral da escola ter-se-ha desvanecido do seu espirito quasi inteiramente.

Além d'isso o periodo de 4 annos está de facto reduzido com as ferias a 32 mezes, porque o tempo lectivo em cada anno não excede 9 mezes.

E durante esses 8 mezes a frequência é muito irregular sobretudo nas povoações agricolas e nos centros industriaes.

A obrigatoriedade do ensino, decretada nas leis, é impotente contra esse abandono temporario da escola ou contra a irregularidade



Exposição annual da Sociedade de Bellas Artes do Porto

Mademoiselle H. L.
(Rosto em marmore, de Teixeira Lopes)

da frequência. Não é possivel reagir contra as condições economicas de uma povoação.

Prolongar o periodo escolar além dos 11 ou 12 annos não constituirá uma solução. E' essa a idade em que as familias aproveitam os filhos para o trabalho agricola ou fabril. A escola não seria frequentada.

Surge pois a necessidade de resolver dois problemas. Como impedir a irregularidade da frequência durante o periodo escolar? Como conseguir que a influencia do mestre e da escola se prolongue até aos 18 ou 21 annos?

Estes dois problemas que preoccupam todos os países, encontraram em alguns apenas soluções parciaes.

Para obter a assiduidade na escola durante o periodo escolar nas povoações agricolas, ha quem advogue o ensino nocturno para as creanças de idade superior a 10 annos na época do trabalho rural. A mesma solução poderia ser applicada aos centros manufacto-

res. Para o nosso país não é facil descobrir-se um processo pratico. Mas talvez se conseguissem, pelo menos em parte, os resultados desejados, multiplicando os cursos nocturnos, que serviriam simultaneamente para a repetição e para o aperfeiçoamento. Isso deveria fazer-se por fórma que o professor não ficasse sobrecarregado, e que o seu trabalho não fosse gratuito. E para isso muito poderia contribuir a iniciativa particular, organizando associações e angariando subsidios, com que pudesse retribuir-se o serviço do professor, e fazer-se a despesa do mobiliario e luz.

Em alguns Estados (Alemanha) depois das escolas elementares ha as escolas de repetição e de aperfeiçoamento (Fortbildungs-Schule). São escolas que continuam as elementares, e que abrem so duas ou tres vezes por semana, ordinariamente á noite.

Semelham-se aos nossos cursos de adultos. Mas existe entre ellas e estes uma differença fundamental. Nos cursos de adultos de Portugal e de França ensinam-se ordinariamente os analfabetos ou

os que tiveram uma preparação incompleta. Nos Fortbildungs-Schule o alumno repete o que apprendeu e continua na acquisição de noções novas.

Os cursos nocturnos poderiam converter-se como acima dissemos em escolas analogas.

Mas se o curso nocturno ou a Fortbildungs-Schule allemã completa e aperfeicoa a escola elementar, falta uma instituição que prepare para esta.

Essa instituição é a escola infantil. Aqui só a consideramos sob o ponto de vista do problema do periodo escolar. E' este, como se vê,

Palhaços

O theatro ia-se enchendo.

Já nos camarotes a creança ria alegre esperando os palhaços, lembrando o que elles fariam, os seus saltos e culetas: e preparava o pacote de rebuçados que lhe havia de atirar.

PAISAGENS D'AFRICA



S. THOMÉ. — Foz do rio Lembá

demasiadamente curto. E o professor tem de perder um tempo consideravel com a primeira classe. Quanto não lucraria o ensino, se esse esforço pudesse ser poupado ao professor, e se a este fossem confiadas creanças com os primeiros elementos de leitura e de escripta?

Estas escolas tem-se generalisado em alguns paizes, e a sua utilidade quer para o ensino, facilitando a funcção do professor, quer para as populações operarias, é de uma incontestavel vantagem.

Marques Mano.

A consciencia do homem todo entregue ás suas paixões, é como a voz do naufragio coberta pela tempestade.



Paisagens d'Africa

S. THOMÉ. — A bahia e vista geral da Ilha S. Miguel
(Clicda da Photographia Africana — S. Thomé).

O gaz sibilava. O fumo do tabaco e a poeira faziam a atmosphera pesada, e andavam no ar, disputas dos espectadores, gargalhadas, pregões dos vendedores.

A fanfarrã começou a sua symphonia n'uma desordem de instrumentos: rapazes fazendo batutas dos programmas imitavam o regente, já se ouviavam gritos impacientes.



Paisagens d'Africa. — S. THOMÉ. — Praia da villa de Sant'Anna

A' entrada do circo, creados emperdigados, de casaca, formavam alas.

Passou uma *señorita*, de sala curta ondeante; e entrou no circo com lindos gestos, atirando beijos.

Estralejaram palmas, *bracos*. Veio um cavallo, ella cavalgou e andava de volta, no circo, fazendo piruetas sem cabir!

Seguia-se o programma, devia apparecer o palhaço.

Já o esperavam, chamaram-no.

Elle appareceu.

Houve um sussurro prolongado, muitas palmas, ditos, bravos... Todos os mimos de um predilecto.

Trazia sempre o seu *complete* muito largo de palhaço, cheio de guizos, com bolsos nas ancas, macacos pintados nas costas e no peito, na cabeça um chapéu agudo de feltro, a face caiada com *alvaiade*. Tirou a sua *casquette*, e andou de volta a agradecer, fazendo caretas, a marrafa de cabelo cahida na testa, de meias brancas, cheio de ridiculo.

A orchestra lançou um ordinario...

A artista era requestada por um *dandy* que sempre a applaudia, e já lhe offerecera flores. O funambulo era seu marido.

A fanfarra ia tocando o ordinario: a *señorita* redopiava, galante, sorrindo, abrindo os braços, dando gritinhos.

O janota estava de pé, já duas vezes lhe sorria.

Reparava-se: havia troça, risos... e o palhaço estava parado no meio, torcia nas mãos o seu chapéu irrisorio — alguma coisa o tinha prendido.

O que elle soffreria!

Vergonha, dôr, desespero, que lhe pediria vingança, se não desabafasse em lagrimas. Cobria-o um fato irrisorio, chocalhavam-lhe os guizos quando os musculos se entezavam, o alvaiade da farça cobria-lhe a vergonha da face; mas se chorasse todos viriam... era casado, offendiam-o, tinha honra: e era palhaço! Coberto de ridiculo, a alma a sangrar e um publico a divertir!

A musica troava. Apareceu outro.

Era *Faz-tudo*, ainda mais grotesco — entrou aos trambulhões. Uma enorme gargalhada atroou o theatro.

O *clown*, tropeçando, vinha ter com elle...

A artista parou, sorrindo, affagando o cavallo.

O infeliz foi sentar-se na borda do circo.

Faz-tudo, chamava-o: e elle não ia.

O outro increpava-o de longe como de costume.

As creanças, riam, batiam palmas: a atmospheria era pesada, havia poeiras no ar, imprecações, gargalhadas — uma especie de phrenesi, de loucura, estonteia os homens.

Berravam: — «Vá, palhaço!»

Oh! dôr enorme...

O misero tremia, e o publico gargalhava.

Faz-tudo pegou no pingalim: achava-lhe graça, vê-lo assim, sentido, sem se importar, ia bater-lhe!... Dos logares inferiores vinham gritos canalhas, a fanfarra com os pratos atroava.

A *señorita* sorria... O *clown* era grotesco, e alguma coisa ia succeder...

O palhaço ergueu-se retezado, olhos fitos. Caminhou direito, chegou-se ao que o chamava, agarrou-lhe os punhos, dobrou-o, expelliu-o de si, tomou-lhe o chicote. Os sapatos atalhavam-se-lhe na terra solta; mas ainda deu passos, erguendo o pingalim.

Havia silencio: peor, a vista turvou-se-lhe, o circo girou-lhe... e elle cahiu na terra.

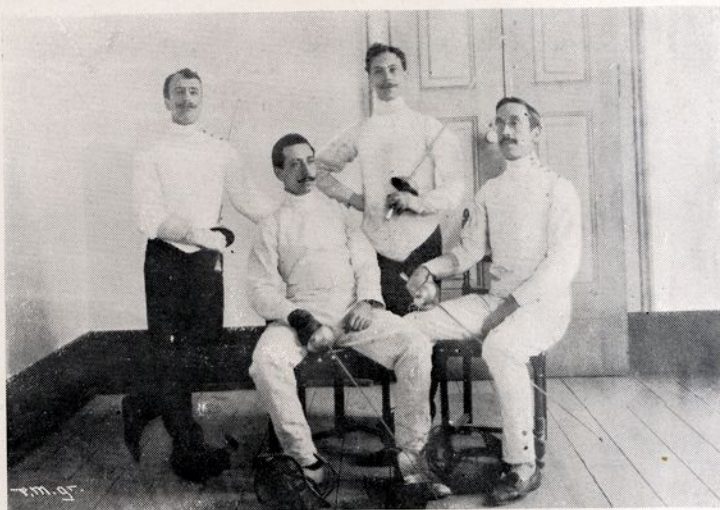
Porto — janeiro — 1908.

ARMANDO FARIA GUIMARÃES.

LX.º 1503.

Cimões (Oliveira Simões).

NOTAS DE "SPORT",



Os esgrimistas que foram a Madrid

A humda dama que me offertou humda gravata

Mote

Na gravata que mandaste
Tecida por tua mão
Ao mesmo tempo enleaste
O pescço... e o coração!

Volts

Aquella fita encarnada
Hei de usal-a muita vez
A pensar em quem na fez,
Com sua mão delicada,
A pensar na sua mão
E ao formar com ella o laço
Julgarei ser um abraço
Que me enleia o coração!



Notas de "Sport". — Grupo de senhoras e cavalheiros que tomaram parte na «matinée» de «sport» realisada na escola de equitação de João Gagliardi



Mauricio Bensaude

Está outra vez em Lisboa este barytono português que tanto na Europa como na America tem levantado alto os creditos artisticos de Portugal.

A 16 d'este mez, dia em que sae este numero, faz Bensaude, no Real Conservatorio de Lisboa, a sua festa artistica. Sua esposa, a sr.^a D. Julia Bensaude, cantora de merito, coadjuvá-lo-ha. Será esse concerto primoroso, e a reunião da «élite» da melhor sociedade de Lisboa que terá mais uma vez o feliz ensejo de applaudir composições famosas: de Wagner, Brahms, Schumann, Griège, Rossini, e de festejar um artista português que tudo deve ao seu valor.

Theatros

D. Maria, *O Pae*. — **D. Amelia**, Philharmonica de Berlim e Companhia de Zarzuela. — **Gymnasio**, *O Juiz*. — **Trindade**, Companhia mixta de Lisboa e Porto. — **Avenida**, A. B. C. — **Principe Real**, *O Pae Adão*. — **Paraiso de Lisboa**. — **Colyseu dos Recreios**.

O Pae, a afamada peça de Strindberg, foi a ultima na serie das numerosas peças novas que nos deu esta época **D. Maria**. E de todas ellas é, não obstante ter sido regeitada na época anterior, a de mais pulso dramatico, a de mais cunho, a de mais vigor. Pertence á familia das chamadas peças pathologicas e enfileira ao lado dos *Spectros*, do grande Ibsen.

E' um drama vivo, que pode dizer-se ter sido escripto com sangue, o sangue do auctor, esse glorioso sueco, que é elle mesmo, através da figura do capitão, o protagonista da sua peça. Todas as maldições e anathemas que Adolpho dirige á mulher, a preversa que friamente lhe envenena a existencia e o arrasta á loucura, dirigiu-as, elle, auctor, á sua propria mulher. D'ahi as violencias, as crueldades da phrase, que causaram arrepios e indignações ás gentis espectadoras de **D. Maria**.

No desempenho d'esse papel elevou-se a uma grande altura Ferreira da Silva, que em todas as manifestações psychicas d'esse caracter original teve um bello cunho de individualidade e um poder superior de interpretação. A esposa que tem todas as taras da perversidade, a frio, reproduziu-a com muita consciencia Augusta Cordeiro, e nos outros personagens estiveram á altura: Maia, Carlos Santos, Delphina Cruz, Amelia Vianna, etc.

A tradução de *O Pae* é de Manuel de Macedo. Para se vêr que é primorosa nada mais é preciso acrescentar.

O cofre dos encantos artisticos, segundo o costume, foi **D. Ame-**

lia que n'esta época o abriu. E que encantos, e que attractivos, e que arte!

Os maiores musicos do mundo, e de todos os tempos, interpreta-dos pelos maiores artistas musicas da actualidade!

O genio de Beethoven, de Mosart, de List, de Haydin, de Weber, de Wagner, manifestando-se em toda a sua força, em todas as suas delicadezas, em todas as *nuances* da ideia e do sentimento sob a direcção impecavel da prodigiosa batuta de Richard Strauss!

Essas quatro sessões de **D. Amelia** foram, para o espirito e para os ouvidos, uma soberana magia. Esses poemas symphonics, essas combinações orchestraes, essa absoluta sciencia da harmonia, interpretada por uma forma tão luminosa e tão alta, dá-nos a visão de qualquer coisa de divinal, de paradisiaco, de sonhado. Desperta-nos os sentidos, refina-nos o gosto, aviva-nos a phantasia, enche-nos o coração. Tal é o prodigioso effeito da arte, ora educativo, ora affectivo, e sempre suggestivo e sublime. Graças á empresa do **D. Amelia**, graças ao visconde de S. Luiz Braga, que tem feito passar por esse theatro, desde os grandes artistas da comedia até aos grandes artistas da musica, todas as celebridades contemporaneas, a sociedade culta de Lisboa gosou nas quatro audições da Real Philharmonica de Berlim o prazer inefavel de escutar, de sentir, de comprehender, muitos dos trechos que julgava incompreensíveis, de applaudir, através a suprema perfeição dos executantes, os segredos da divina arte, o genio immenso dos maestros divinos.

Depois da grande musica, a musica ligeira. Depois dos longos poemas symphonics as alegres zarzuelas. E é como deve ser. O espirito carece d'estas alternativas.

Recolhidos no mais religioso silencio, absorvidos em nós mesmos, a attenção toda fixa nas paginas soberbas da harmonia, desviemo-la, para não a fatigarmos sob a impressão empolgante das obras primas do espirito humano, e deixemo-la correr pelos campos floridos e hilarantes da zarzuela. E do mesmo logar onde applaudimos Richard Strauss e nos enlevamos com Mosart e Beethoven applaudamos á chades mains a *Patria chica*, a *Alegre trompeteria*, a *Macarena*, o *Gaspacho andaluz*, a *Arte de ser bonita*, a *Osteria de Madrid*, a *Gatita blanca*, a *Ensenanza libre*, a *Sangra moza*, a *Apaga e ramonos*, *La Revoltosa*, *La Verbena*, *La alegria de la huerta*, a *Agua, azucarillos e aguardiente*, e tantas outras obras ligeiras do gracioso, do vivo, do colorista, do saltitante espirito hespanhol.

Logar a Barbieri, a Chueca, a Chapi, aos maestros queridos da Hespanha alegre, e vivam, para alegria do nosso espirito e encanto dos nossos olhos, a Pilar Marti, o filho e o pae Ortas, a Pepita Alcaccer, o Cortéz, o Casals, e todos esses queridos interpretes da desopilante musica hespanhola. Quer dizer: a zarzuela depois da Philharmonica de Berlim é um serviço da empresa do **D. Amelia** prestado ao publico de Lisboa, não menos valioso que o primeiro.

A ultima comedia que nos deu o **Gymnasio** é o *Juiz*, que Eduardo de Noronha traduziu, com o habitual esmero, da peça ingleza de Pinero.

O assumpto do *Juiz* é um nada e d'ahi o seu valor, porque com ligeiros episodios correndo uma acção ligeira fez o auctor tres deliciosos actos de espirito. E acertadamente andou Jesuina Saraiva escolhendo o *Juiz* para a sua festa, e chamando a si o principal papel feminino em que revelou recursos artisticos que lhe valeram applausos.

No papel de *Juiz*, Valle é sempre o actor consagrado, que de pequeninos nadas tira effeitos magnificos. E que os não tirasse? Elle é dos raros privilegiados que tem o direito de fazerem no palco o que muito bem lhes pareça, porque tem na mão o publico. Lembra-se um dia de abusar e ainda assim esse publico se fartaria... de lhe achar graça.

Na **Trindade** a companhia do Porto capricha em pôr a seguir o maior numero de peças: *O trevo das quatro folhas*, *As pupillas do sr. reitor*, *As rosas de musgo*, e agora a revista *Não lhe bulas*, de Sousa Rocha, com musica do maestro Benjamin, são peças de todos os generos, magicas, dramas, revistas, que o publico applaude. E outra coisa não quer a empresa, tendo a certeza de que para o conseguir lhe basta conjugar o valor especial d'esses trabalhos com o do desempenho, confiado a artistas como Theresa Taveira, Gomes, José Victor, Amelia Barros e os artistas do Porto.

E como estamos em maré de revistas, lá continúa a sua carreira triumphal o *A B C* da **Avenida**, uma das que tem mais merito, mais inventiva, mais graça, mais... mulheres bonitas, e lá temos no **Principe Real** *O Pae Adão*, que depois de uns côrtes indispensaveis, fez uma carreira... inferior á de todas as Revistas, e em summa para que a serie se prolongue até ao infinito, o **Paraiso**, aquelle **Paraiso de Lisboa**, que foi, de facto, no verão findo um paraiso para a população da cidade, vae abrir este mez ainda, com quê? Com uma revista, está claro, e uma revista de *André Brun*, o que já de antemão faz crer que, por ser n'um acto, deve ser uma pequenina obra prima de graça, de originalidade e de... carapuças. Juntam agora a essa revista tão annunciada os numeros estrangeiros de *folies bergères*, que vão fazer o encanto dos amadores, e digam-nos se o **Paraiso** vae ou não ser, durante o verão d'este anno, o *clou* de todas as casas de espectáculo.

As luctas no **Colyseu**, deram a alma a Deus depois de darem successivas enchentes á casa. Só ellas, só Schakman, e Schneider, e Constant le Marin e Smeickel e Van Conem, e Limousin e Amalhou e Romanoff e Paul Pons, e até por fim o japonês Raku tinham o condão de attrahir e excitar, cerca de 30 noites a seguir uma população inteira!

Fazem falta, mas o empresario Santos, para que o seu publico não tenha tempo de chorar lagrimas de sangue ao pensar saudosos nos luctadores ausentes, vae já entrete-lo com espectaculos de outro genero, e elle que o tinha entusiasmado com os golpes de lucta romana e japoneza, vae enleva-lo e acalenta-lo com a musica e o canto.